



## UMA LEITURA DA PROPAGANDA PRODUZIDA PELO IPES (1962-1964) A PARTIR DAS BASES BIOLÓGICAS E PSICOSSOCIAIS DO COMPORTAMENTO HUMANO

Celia Regina Justo Kaufmann<sup>1</sup>

Leandro Leonardo Batista<sup>2</sup>

**RESUMO:** Um dos acontecimentos mais marcantes da história do Brasil, refere-se ao Golpe de 1964, o qual subverteu a ordem existente e deu início a um regime ditatorial. Partindo do pressuposto de que outros métodos de análise podem ser incorporados às pesquisas em História, o presente trabalho tem por objetivo contribuir com conceitos da Biologia, da Psicologia e da Comunicação Social, para analisar e compreender como a opinião pública poderia ter sido moldada entre 1962 e 1964. A partir de métodos comparativos e dedutivos de análise de uma vasta literatura específica, verificou-se a eficácia que uma campanha multifacetada teve em recrutar efeitos psicológicos e biológicos, moldando a opinião pública e levando à derrocada de João Goulart.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Comportamento Humano. Neurociência. Psicologia. Propaganda Ideológica. IPES.*

---

<sup>1</sup> Mestre em História Social pela USP-FFLCH, com ênfase em Comunicação Social, Psicologia e Neurociência, Bacharel em História pela USP-FFLCH, Licenciada em História pela USP-FE, Bacharel em Administração de Empresas pela Faculdade Luzwell, Pesquisadora do Centro de Comunicação e Ciências Cognitivas (Lab4C-USP), Presidente do Instituto Lúcia Justo. E-mail: celia.kaufmann@gmail.com.

<sup>2</sup> Professor da ECA-USP e do programa de pós-graduação PPGCOM-USP. Doutorado em Comunicação Social - University of North Carolina (1996) e Livre-docência (2019) pela ECA-USP. Líder do Centro de Comunicação e Ciências Cognitivas (Lab4C-USP) e do grupo de pesquisa ArC2: Estudos Antirracistas em Comunicação e Consumos / CNPq/ECA-USP. E-mail: leleba@usp.br.

---

**Revista ALTERJOR**

Grupo de Estudos Alterjor: Jornalismo Popular e Alternativo (ECA-USP)

Ano 14 - Volume 02 - Edição 28 - Julho-Dezembro de 2023

Av. Professor Lúcio Martins Rodrigues, 443, Cidade Universitária, São Paulo, CEP: 05508-020

**ABSTRACT:** One of the most noteworthy events in the history of Brazil refers to the Coup of 1964, which subverted the existing order and gave rise to a dictatorial regime. Starting from the assumption that other methods of analysis can be incorporated into research in History, the present work aims to contribute with concepts from Biology, Psychology and Social Communication to analyze and understand how public opinion could have been shaped between 1962 and 1964. Based on comparative and deductive analysis methods applied to a vast specific literature, the effectiveness of a multifaceted campaign was verified in recruiting psychological and biological effects, shaping public opinion and leading to the downfall of João Goulart

**KEYWORDS:** *Human Behavior. Neurosciense. Psychology. Ideological Propaganda. IPES.*

## 1. Introdução

Cada um de nós é um sistema complexo, interagindo em um sistema social também complexo. O resultado dessa interação gera comportamentos e compreender o que nos faz sentir, pensar e agir requer uma profunda análise sobre os processos subjacentes a toda essa dinâmica.

Em História, entender os acontecimentos relevantes, muitos dos quais promoveram mudanças significativas em nossas vidas, não é tarefa fácil, pois, esses acontecimentos também são resultados da interação entre os seres humanos e as sociedades as quais pertencem. Cabe ao historiador analisar tais ocorrências e construir sua interpretação sobre o momento histórico pesquisado. Nesse sentido, quanto mais evidências o historiador puder agregar ao seu método de pesquisa, maior relevância terá sua pesquisa. Vale ressaltar que, tanto para o historiador quanto para outros profissionais da comunicação, a ética necessária à construção narrativa deve prevalecer sobre quaisquer outros interesses. Entretanto, tal rigor nem sempre é respeitado, conforme veremos ao longo desse trabalho.

Considerando o acima exposto - e a exemplo de diversas áreas, que utilizam os resultados de conhecimentos provenientes de outras ciências como fonte de entendimento e aplicabilidade -, o propósito deste trabalho é sugerir que a História

considere em seu conjunto de modelos investigativos e interpretativos, os estudos realizados em psicologia - cognitiva, evolucionista e/ou comportamental - e em neurociência, sobre as bases biológicas e psicossociais do comportamento humano e de tomada de decisão, visando agregar valores e contribuir para uma maior compreensão de eventos ocorridos no passado, seus impactos no presente e possíveis desdobramentos futuros. Em especial, que adote a abordagem biopsicossocial em suas análises, por ser um método integrado que incorpora a influência dos fatores biológicos, psicológicos e socioculturais, para oferecer um quadro mais completo de qualquer comportamento e processos mentais. Pretende, ainda, reforçar o entendimento de que esforços interdisciplinares devem ser envidados, pois conforme ressaltamos acima, uma única ciência não é capaz por si só de explicar sistemas tão complexos.

Para evidenciar a riqueza de informações gerada na aplicação de tais estudos, procuramos analisar como as técnicas empregadas na produção de material propagandístico e os meios de comunicação utilizados tiveram influência sobre a opinião pública do período compreendido entre 1962 e 1964, bem como quais foram os desdobramentos políticos que culminaram em um golpe de Estado.

## **2. HISTÓRIA - A INTERPRETAÇÃO DE DREIFUSS SOBRE OS BASTIDORES DO GOLPE DE 1964**

Vários estudiosos dedicam-se a entender os motivos que levaram ao Golpe de 1964. Dentre eles, destacamos a tese desenvolvida pelo historiador e cientista social René Armand Dreifuss (1981).

Nesse trabalho, o autor remonta o nascimento e desenvolvimento da burguesia nacional e sua associação a interesses multinacionais nos anos 50 e como essa combinação tornou-se a força socioeconômica dominante, sem que com isso tivesse uma representação compatível nos quadros políticos do governo. Demonstra, ainda, como essa estrutura de poder, por meio da criação de Grupos Executivos, promoveu uma verdadeira administração paralela, a qual, com sua visão racional-empresarial de crescimento, influenciou fortemente a política desenvolvimentista de Juscelino

Kubitschek - com ênfase na enorme importância das grandes empresas privadas nesse processo -, como ocupou cargos importantes na administração pública e em postos de comando nas Forças Armadas e Ministérios no governo de Jânio Quadros e como transformou-se, posteriormente, no complexo IPES/IBAD - Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais e Instituto Brasileiro de Ação Democrática, respectivamente -, responsável por toda a ação que, segundo Dreifuss, desarticulou o governo de João Goulart.

Descreve, ainda, como as medidas de João Goulart eram contrárias aos interesses econômicos dessa classe empresarial e como a mesma se articulou com as Forças Armadas, criando estratégias para desestabilizar o governo vigente, culminando no Golpe de 1964.

Dreifuss caracteriza as ações do complexo IPES/IBAD como tendo sido uma campanha política, ideológica e militar contra o governo vigente, estrategicamente arquitetada pelos seus intelectuais orgânicos durante o período de 1962 a 1964. Em sua interpretação, os intelectuais ipesianos promoveram uma verdadeira guerra psicológica, atrelando as medidas promovidas pelo governo nacional reformista de João Goulart aos acontecimentos mundiais da Guerra Fria, ressignificando a realidade de acordo com seus objetivos. Para tanto, um vasto material propagandístico foi produzido e divulgado com o objetivo de moldar a opinião pública contra o governo.

144

Dessa forma, o complexo IPES/IBAD passou a operar com todos os recursos disponíveis. Conforme apontou o então líder ipesiano Glycon de Paiva, era necessária a "preparação de civis para assegurar um clima político apropriado para a intervenção militar."<sup>3</sup>. Na opinião de Paiva, tal ação política deveria ser sigilosa e suas recomendações sugeriam:

**[a] criação de um caos econômico e político, o fomento à insatisfação, o profundo temor ao comunismo por patrões e empregados, o bloqueio de esforços de esquerda no Congresso, a**

---

<sup>3</sup> "Parecia claro para a elite orgânica que sem o visível apoio popular, a sua ação encoberta dentro das Forças Armadas e outros setores da sociedade tornar-se-ia difícil. Ademais, os militares não seriam levados a favorecer uma posição golpista sem o palpável apoio público." (DREIFUSS, 1981: 220 - Nota 137).

**organização de demonstrações de massas e comícios e até mesmo atos de terrorismo, se necessário.** (DREIFUSS, 1981: 230. Negrito nosso).

A doutrinação geral visava moldar a opinião pública por intermédio de manipulação de notícias, atacando o comunismo, o socialismo, a oligarquia rural e a corrupção do populismo, estimulando percepções negativas do governo vigente e inserindo sua ideologia aos responsáveis por tomadas de decisões políticas e ao público em geral. (DREIFUSS, 1981: 231).

Para tanto, foram contratados/cooptados diversos colaboradores para a produção e divulgação de vasto material, por intermédio do rádio, televisão, jornais e outros veículos, cujo objetivo era atingir intelectual e emocionalmente seu público.

Vários materiais foram produzidos pelos grupos de estudo e ação do IPES, inclusive, por intelectuais de prestígio e jornalistas influentes, e divulgados por diversos detentores de meios de comunicação, que estavam alinhados à ideologia ipesiana, impulsionando sua própria campanha. (DREIFUSS, 1981: 232-234).

Segundo o autor, "algumas das publicações produzidas pelo complexo IPES/IBAD, ... eram basicamente fatuais e continham informação cuidadosamente selecionada à qual adicionava-se uma certa 'torção'. Já outros trabalhos eram mentiras declaradas ou ficção". (Dreifuss, 1981: 236).

Era imprescindível aos interesses da elite orgânica, que as Forças Armadas fossem cooptadas, pois somente com o envolvimento dos militares a destituição de João Goulart seria possível.

Embora reconheça que, apesar de seus esforços em impor-se na sociedade brasileira como um todo, o complexo IPES/IBAD tenha sofrido resistência e até derrotas em alguns setores - como no caso dos movimentos estudantis -, sua campanha ideológica e política para esvaziar o apoio ao Executivo e estimular uma reação generalizada contra o governo foi alcançada.

Mesmo que na historiografia apareçam opiniões divergentes com relação ao golpe, Dreifuss evidencia que tanto os civis quanto os militares tiveram interesse para que as propostas de base do governo de João Goulart não avançassem.

Nosso intuito não foi o de promover debates historiográficos, mas, tão somente analisar a campanha promovida pelo IPES para essa finalidade, verificando se, à luz das pesquisas realizadas em comunicação social e neurociência, ela poderia ter sido eficaz para moldar a opinião pública contra o efetivo de João Goulart, o que procuraremos evidenciar nos parágrafos seguintes.

### **3 - COMUNICAÇÃO SOCIAL - A PROPAGANDA**

Para entendermos o posicionamento de Dreifuss sobre os efeitos da campanha do IPES no comportamento social, é necessário que saibamos como a propaganda ideológica é concebida, verificando como as mensagens e os meios de comunicação são pensados para mediar as relações da sociedade e como o medo pode ser utilizado como instrumento de controle social.

Conforme demonstrou David G. Myers (2015), a mídia contribui para influenciar o comportamento humano dentro da perspectiva de análise sociocultural, na medida em que impõe modelos por meio de informações e conteúdos variados. Nesse sentido, a propaganda também se apropria dos meios de comunicação para atingir seus objetivos.

#### **3.1. PROPAGANDA IDEOLÓGICA<sup>4</sup>**

Diversos fatores são considerados quando um profissional deseja comunicar produtos, serviços, programas e candidatos numa corrida eleitoral, ou mesmo ideias de grupos sociais. Todavia, segundo demonstra o sociólogo e historiador Nelson Jahr Garcia (1982) há algumas especificidades nesses tipos de comunicação.

---

<sup>4</sup> São vastas as leituras e discussões acerca do que vem a ser Ideologia. Para os fins desse trabalho, trataremos de "ideológica" a propaganda que tem por objetivo difundir ideias, comportamentos e visão de mundo e, com isso, moldar a opinião pública.

Na propaganda ideológica o receptor não tem claro o objetivo a que se destina. Sua principal orientação está voltada a envolver o maior número de indivíduos de uma sociedade, direcionando seu comportamento social. **As mensagens apresentam uma versão da realidade a partir da qual se propõe a necessidade de manter a sociedade nas condições em que se encontra ou de transformá-la em sua estrutura econômica, regime político ou sistema cultural.** (GARCIA, 1982: 3-4. Negrito nosso).

No geral, "as idéias difundidas nem sempre deixam transparecer sua origem nem os objetivos a que se destinam"... as mensagens "[deixam] passar algumas informações e [censuram] outras, de tal forma que só é possível ver e ouvir aquilo que lhes interessa". O tom empregado nas notícias é de imparcialidade. "Mas, em verdade, essa neutralidade é apenas aparente, pois as notícias são previamente selecionadas e interpretadas de modo a favorecer determinados pontos de vista". (GARCIA, 1982: 4)

Segundo autor, o desenvolvimento desse tipo de propaganda compreende um processo complexo, com termos e fases distintas, como a elaboração e a codificação das ideias em mensagens que atraiam a atenção e sejam facilmente compreensíveis e memorizáveis.

Emprega-se termos muito abrangentes como democracia, igualdade, justiça e liberdade. Dessa forma, **a propaganda age, resumindo as ideias em expressões ambíguas dos tipos mencionados. Consegue-se, com isso, que cada um dos que ouvem a mensagem concorde com ela, por acreditar que diga respeito a si e a seus interesses e necessidades.** (GARCIA, 1982: 15-16. Negritos nossos).

Um elemento externo, como por exemplo uma "infiltração comunista", pode ser utilizado como responsável pelos problemas, disfarçando os verdadeiros aspectos da situação, ou atribuindo-os a algumas pessoas ou a certos órgãos e instituições toda a responsabilidade pelas medidas tomadas e implementadas. (GARCIA, 1982: 18).

Apelos como "você também é responsável" ou "O Brasil é feito por nós", insistentemente repetidos em campanhas, acabam por transferir a responsabilidade aos

receptores das mensagens, fazendo-os se sentirem culpados pelos problemas, ou **como parte de sua solução**. (GARCIA, 1982: 18. Negrito nosso).

Garcia (1982) observa também que as pessoas já carregam consigo um conjunto de concepções e crenças que permeiam sua cultura e que descuidar dessas informações, pode implicar em risco de choque entre as novas ideias e aquelas já existentes. Nesse caso procura-se mostrar que as ideias presentes são falsas, propondo um novo modelo, ou mescla-se concepções existentes com novas, o que facilita a aceitação das mensagens.

A contrapropaganda pode ser utilizada como outra maneira de neutralizar ideias opostas àquelas que se pretende difundir. Pode-se, inclusive, **atuar sobre o temor das pessoas**, associando ideias adversárias a prejuízos e malefícios. Nesse sentido, as campanhas anticomunistas, segundo o autor, são os exemplos mais expressivos. (Negrito nosso).

Nos países do "bloco ocidental", inclusive o Brasil, ainda se repete a técnica que vem sendo posta em prática há anos de divulgar notícias de atrocidades cometidas na União Soviética, China, Cuba, Nicarágua e países africanos. Fala-se em crianças e mulheres fuziladas, homens cruelmente torturados, degolados e queimados. Ao mesmo tempo insiste-se que tais fatos serão sempre inevitáveis para qualquer país que opte pelo sistema socialista. **Com isso, conseguem incutir um tal medo na população que as convencem a apoiar o governo em sua ação repressiva contra os adeptos de idéias igualitárias, sejam socialistas ou apenas superficialmente semelhantes**. (GARCIA, 1982: 30. Negrito nosso).

Após a elaboração e codificação da ideologia e estruturado o sistema de controle ideológico, esquematiza-se a difusão das mensagens.

### **3.2. O CINEMA COMO VEÍCULO DE PROPAGANDA**

O papel da indústria cinematografia na produção e difusão de documentários e filmes de ficção como propaganda ideológica merece um destaque em nosso trabalho, pois será sobre esse tipo de produção - parte da campanha ideológica desenvolvida pelo IPES - que se desenvolve nossa análise mais profunda.



Garcia (1989) observa que utiliza-se imagens verdadeiras nos documentários, extraídas diretamente da realidade, o que lhes dá uma extrema credibilidade. Todavia, as imagens empregadas também passam por seleções, recortes e montagens de maneira tal que confirmem e reforcem apenas ideias que se pretende transmitir.

### 3.3. A PROPAGANDA IDEOLÓGICA DO IPES

Coforme dito anteriormente, a campanha praticada entre 1962 e 1964 por esse Instituto, levou em consideração a diferença entre os diversos segmentos da sociedade brasileira, bem como seus respectivos pontos de interesse, para codificar mensagens de maneira tal que ecoassem na maioria das pessoas de sua estrutura social, para moldar a opinião pública às ideias capitaneadas pela elite orgânica do IPES.

Diversos canais e técnicas de persuasão foram empregados para esse propósito. Todavia, para o objeto desse trabalho, privilegiamos analisar o conjunto de filmes, mais precisamente, o conteúdo e técnicas empregadas no título "O Brasil precisa de você".

Para atingir aqueles que não tinham condições financeiras, "o IPES montava projetores em caminhões abertos e ônibus com chassis especiais", promovendo sua divulgação não só em favelas e bairros urbanos mais pobres das maiores cidades, como também por todo o interior do Brasil. Os filmes também eram projetados em fábricas, igrejas, entidades de classe, grêmios estudantis, entre outros lugares. (DREIFUSS, 1981: 250-251).

Em carta, Jean Manzon, cineasta contratado pelo IPES, asseverava a seus dirigentes que as técnicas empregadas em seus filmes constituíam "o mais rápido veículo capaz de levantar com a máxima eficiência a opinião pública em favor das teses defendidas pelo IPES". Garantia, ainda, que seus documentários seriam exibidos com exclusividade em todo o Brasil, para um público que atingia em "média 15 milhões de espectadores". (CARDENUTO FILHO, 2008: 334-335).

De fato, se considerarmos o Censo de 1960, apenas 4,6% dos lares brasileiros tinham televisão. Dessa forma, as informações do crítico de cinema Luiz Alberto Sanz e do pesquisador Clóvis Molinari, sobre o cinema ser o meio de entretenimento com

maior alcance naquele período, parecem ser possíveis. Sanz ressalta, ainda, que metade da população brasileira era analfabeta e que aquele era o público que ia ao cinema. (MARINHO, 2015).

O arquivo de filmes foi recuperado e encontra-se no Arquivo Nacional-RJ. Dentre outras informações, os filmes a seguir foram catalogados sob os títulos: O Brasil precisa de você; Nordeste problema nº 1 ; História de um maquinista; A vida marítima; Depende de mim; A boa empresa; Uma economia estrangulada; o IPES é o seguinte; Portos paráliticos; O que é o IPES; Criando homens livres; Deixem o estudante estudar...; Que é a democracia?; Conceito de empresa.

### **3.4. O APELO AO MEDO**

O apelo ao medo merece um destaque a parte em nossa dissertação, pois é a partir de seu desencadeamento que iremos assentar nosso entendimento acerca da necessidade de considerar em estudos de acontecimentos históricos, fatores biológicos, psicológicos e sociais como influenciadores do comportamento humano.

O recurso acima parece ser recorrente na história da humanidade, como forma de moldar a opinião pública e direcionar todo um comportamento social ou mesmo como forma de controle social.

O mesmo apelo à ameaça comunista, fortemente trabalhado pelas campanhas do IPES e instituída como prática política de repressão durante a ditadura militar, não se mostrou algo novo na nossa história. Ao contrário, a mesma fórmula já havia sido aplicada contra os "inimigos do regime varguista".

Em sua análise acerca do "perigo vermelho", Rodrigo Patto Sá Motta (2002), observa que no Brasil o anticomunismo surgiu até mesmo em momento anterior, logo após a Revolução de 1917, importado dos principais países capitalistas, cujas preocupações e repressão ao movimento traduziam-se nas propagandas produzidas e veiculadas por eles. Todavia, foram nos períodos de 1935 a 1937 e 1961 a 1964, que o fenômeno anticomunista se manifestou de forma mais intensa em nosso país.

Independentemente do objetivo - manipulador, ideológico ou proselitista - em promover o temor ao comunismo no Brasil, o fato é que desde 1917 movimentos, organizações e campanhas alimentaram o imaginário do povo brasileiro, moldando a figura do comunismo e transformando-a em ameaça real e próxima.

Partindo da premissa de que mensagens ameaçadoras podem ser consideradas como estímulos condicionadores de medo, procuraremos demonstrar, de maneira simplificada, como circuitos neurais são recrutados por essa emoção e como a cognição e a memória são envolvidas nesse processo.

#### **4. A PSICOLOGIA E A BIOLOGIA DO COMPORTAMENTO HUMANO**

Procuramos explorar alguns conceitos e estudos realizados em Psicologia e Neurociência, com o objetivo de entendermos como nosso cérebro recebe, processa e responde a estímulos captados pelas vias sensoriais, como, por exemplo, aqueles explorados pelos conteúdos e pelas técnicas de filmagem dos documentários ipesianos.

Dessa forma, para chegarmos ao comportamento resultante do condicionamento do medo e considerando que o mesmo sofre influências biológicas, psicológicas e socioculturais, privilegiamos em nossos estudos, dentre várias literaturas, aquelas que adotam uma abordagem biopsicossocial em suas análises, por ser um método integrado, que oferece um quadro mais completo sobre qualquer comportamento e/ou processos mentais.

A psicologia evolucionista, síntese entre a psicologia cognitiva e a teoria da evolução, parte do pressuposto de que os seres vivos passaram por um processo evolutivo, cujo objetivo era adaptá-los ao ambiente em que viviam e, assim, preservar a espécie.

Para o psicólogo e linguista Steven Pinker (1998), o entendimento dos comportamentos sociais não podem ser reduzidos à psicologia ou à biologia, mas precisam levar em consideração essas áreas.

Nossa percepção, ou processo de organização e interpretação do mundo que nos cerca, sofre influência não apenas de nossa genética, visto que já nascemos equipados para processarmos informações sensoriais, mas também pelas nossas experiências e aprendizagens e pelas nossas emoções.

O trabalho de Joseph LeDoux (2001), no qual nos baseamos, procura demonstrar como os estudos sobre a função cerebral nos permite entender nossas emoções, enquanto processo psicológico, de novos pontos de vista. Procuramos utilizar seus experimentos com o condicionamento do medo para entendermos os possíveis desencadeamentos das mensagens ipesianas em nossos sistemas emocionais.

Com apoio nas teorias de Charles Darwin, observou-se também que "determinadas funções básicas, necessárias à sobrevivência, vêm sendo conservadas ao longo da evolução".

Apesar de cada um de nós, seres da mesma espécie, sermos únicos, tendo aparência, personalidade, interesses e pensamentos diferentes, nossa família humana compartilha do mesmo legado biológico. Nossos mecanismos cerebrais para aprender uma linguagem e captar nossas sensações também nos fazem biologicamente idênticos.

Os psicólogos evolucionistas usam o princípio da seleção natural de Charles Darwin para compreender as raízes do comportamento e dos processos mentais. Sabemos que os genes e as experiências juntos estabelecem as conexões no cérebro humano, dotando-nos de uma maior capacidade de aprendermos e, conseqüentemente, de nos adaptarmos.

Antonio Damásio também faz avaliação semelhante, quando descreve que as emoções, consideradas universais e inatas - medo, raiva, tristeza, alegria, nojo e surpresa -, estão presentes em todas as culturas e são facilmente reconhecidas por expressões faciais, independente de haver designação específica para elas ou não.

No caso específico do medo, verificamos como estímulos percebidos como ameaçadores desencadeiam mecanismos neurais programados pela evolução, cujo

objetivo continua sendo a manutenção da vida, disponíveis para a utilização do indivíduo já na fase inicial de seu desenvolvimento.

LeDoux observa que determinados medos estão arraigados tanto na estrutura mental de indivíduos, quanto em sociedades.

Segundo Myers, sofremos influência de fatores socioculturais, biológicos e psicológicos em nosso comportamento ou processo mental e tais fatores devem ser considerados em sua análise. Ele salienta, ainda, que "**o medo de inimigos reais ou imaginários une as pessoas em torno de famílias, tribos e nações**". (MYERS, 2015: 5. Negrito nosso).

Considerando os trabalhos desenvolvidos por LeDoux e demais pesquisadores da emoção, verificou-se que o medo tem valor adaptativo, nos ajudando a evitar ameaças e a enfrentá-las, quando necessário. Observou-se ainda que além da nossa predisposição em sentir alguns medos, outros podem ser aprendidos por condicionamento e por observação. Como observou Ralph Waldo Emerson, as pessoas podem ter medo de praticamente qualquer coisa. "A 'política do medo' surge a partir do medo das pessoas - medo dos terroristas, medo dos imigrantes, medo dos criminosos". Aprendemos a ter medo pela associação a dois estímulos - condicionamento clássico -, associando uma resposta (nosso comportamento) e suas consequências - condicionamento operante -, ou com a aprendizagem por observação - assistindo às experiências e aos exemplos dos outros. (EMERSON APUD Myers, 2015: 392).

LeDoux observa que nossos medos de hoje são muito diferentes daqueles que enfrentavam nossos ancestrais. Ainda que o tempo não tenha sido suficiente para adaptar nossa espécie às novas ameaças, o cérebro humano é capaz de percebê-las e processá-las, graças as interações biológicas, psicológicas e socioculturais que permeiam todo o nosso comportamento.

## 5. ANÁLISE DE TÉCNICAS E CONTEÚDO DOS FILMES-DOCUMENTÁRIOS DO IPES.

Por meio da montagem de imagens e demais técnicas utilizadas, os filmes do IPES recrutaram com eficácia os efeitos psicológicos e biológicos que organismos humanos podem desencadear diante de estímulos visuais e auditivos e, com isso, levá-los a um comportamento determinado.

As câmaras focam no rosto das pessoas para reforçar a ideia de sofrimento da poluição. *Focar no rosto é uma predisposição biológica.* (Demos, 2011). A generalização que ocorre na consciência do espectador, quando ao focar no rosto sofrido de um homem fazer simbolizar a humanidade inteira, é o que se chama de "montagem ideológica".

As técnicas de enquadramento, tipos de plano, angulação, movimento da câmara, entre outros, produzem um *efeito psicológico*. O espectador se sente diretamente envolvido por identificar seu olhar com o da câmara. (MARTIN, 2007).

Conforme visto acima, polarizar a situação entre dois grupos - NÓS versus ELES - é uma técnica bastante empregada em propaganda ideológica. Ao produzir essa polarização e expô-la nos filmes, recruta-se mecanismos universais. "A seleção natural nos dotou com *mecanismos psicológicos* que nos permitem identificar rapidamente indivíduos como pertinentes ao nosso grupo ou a outro grupo, e essa codificação dirige nosso comportamento." (Yamamoto 2009). Dessa forma, a categorização NÓS versus ELES promovida pelos filmes ipesianos, permitiu que as disposições naturais de defesa das pessoas fossem ativadas, sobretudo, dada a conturbada situação social do momento.

Durante quarenta e quatro anos, a categorização social "comunista" foi sendo talhada carregando valores negativos e contrários aos de nossa sociedade. Pessoas que tinham ideias opostas àquelas almejadas eram classificadas naquela categoria. Classificar coisas e pessoas dentro de uma categoria também faz parte de dispositivos cerebrais para garantir nossa sobrevivência. Dessa forma, ao associar as reformas de base defendidas pelo governo e a situação de desestabilização econômica com o

contexto da Guerra Fria e enquadrando os elementos contrários na categoria comunista, o IPES acabou por orientar a opinião pública contra o governo vigente.

Verificamos ainda que, por meio das falas, imagens e sons produzidos nos filmes do IPES, atitudes e comportamentos estavam sendo constantemente provocados. Nossas atitudes possuem elementos constitutivos: cognitivo, afetivo e comportamental. Essas atitudes estavam sendo reforçadas, pois as pessoas já haviam sido expostas às ideias anticomunistas em tempos pretéritos, conforme apontamentos anteriores.

Os filmes do IPES também intensificaram a crença de que o comunismo era uma ameaça real e próxima, na medida em que fortes imagens da Segunda Guerra, a narrativa e os sons contribuíram para a dramatização do tema. A heurística da disponibilidade (atalhos mentais) e a perseverança em nossas crenças parecem interferir em nossos julgamentos e na nossa capacidade de temer as coisas erradas. "Raciocinamos de maneira emocional e negligenciamos as probabilidades".

O escopo no documentário era meramente psicológico. Cabe aqui uma citação de James Brown:

Muito amiúde, como em propaganda de guerra, ele [o propagandista] está tentando provocar emoções intensas de ódio ou aprovação de ou contra outros grupos, por motivos de oportunidade, estratégia ou simples cobiça. A pressão emocional [...] é fundamental ao processo inteiro. [...] O propagandista não se envolve numa verdadeira discussão, visto suas respostas estarem antecipadamente determinadas. (BROWN, 1963: 14).

Um dos desafios dos produtores dos filmes era, diante de um público heterogêneo, promover uma mudança de opinião em quem fosse favorável ao governo Jango, sem incentivar um movimento, já que eles eram contrários à agitação social. As manifestações de grupos descontentes são tratadas como desordem, a instabilidade política como descalabro administrativo, as greves como crises. O meio ambiente é recriado e problemas que passavam, de certa maneira, despercebidos pela sociedade, como a pobreza dos nordestinos, ganham destaque - as imagens e a narrativa chocam.

Essa foi a proposta do IPÊS: apontar os problemas vigentes, os quais já existiam, dando-lhes nova interpretação. Nesse sentido, é possível supor que o documentário tenha provocado a atenção dos receptores, não porque aqueles indivíduos estivessem favoráveis às mensagens ou porque lhes agradassem, mas porque, segundo Albert Harrison (1975), as pessoas ficam inquietas ou preocupadas diante do estranho ou do insólito.

Dadas as dificuldades do referido momento – miséria, instabilidade econômica, desordem social e o perigo iminente de regimes autoritários –, projetou-se um futuro. Criaram expectativas, aproximando as pessoas, o “nós”, e provocando a sensação de coesão e pertencimento, para melhor resistir à ameaça “deles”.

Podemos concluir que a campanha ideológica do IPES foi eficaz em gerar sensações de medo na população, sentimento esse desencadeado pelo clima de instabilidade e de ameaça, moldando a opinião pública contra o governo de João Goulart.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

156

---

As pesquisas em Psicologia e Neurociência vêm demonstrando, que nossos pensamentos, sentimentos, sonhos e medos surgem de processos que ocorrem em nosso cérebro, moldados pela evolução de nossa espécie.

Linguagem, objetos, sons e imagens são parte de um universo de representações que, se rearranjados, produzem novos significados e novos comportamentos. Processos psicológicos e biológicos contribuem para isso.

Todo esse trabalho procurou reforçar os entendimentos de Pinker, o qual sugere que os entendimentos dos comportamentos sociais precisam levar em consideração as influências psicológicas e biológicas sobre eles e que a análise de acontecimentos históricos não pode se furtar a isso.



## Referências

ARQUIVO NACIONAL (BRASIL). Coordenação Geral de Processamento e Preservação do Acervo. Fundo Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais: catálogo de filmes. Rio de Janeiro: O Arquivo, 2012.

Censo demográfico Brasil - 1960 - Disponível em : [http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/CD1960/CD\\_1960\\_Brasil.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/CD1960/CD_1960_Brasil.pdf) . Acesso em 06 jul 2017.

BROWN, J. A. C. **Técnicas de Persuasão: Da Propaganda à Lavagem Cerebral**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1963.

CARDENUTO FILHO, Reinaldo. **Discursos de intervenção: o cinema de propaganda ideológica para o CPC e o Ipês às vésperas do Golpe de 1964**. 2008. 385 f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo.

DAMÁSIO, António R. **E o cérebro criou o Homem**. Tradução Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DEMOS, Bibiane. **Reconhecimento de Expressões Emocionais Faciais em Indivíduos com Doença de Parkinson**. 2011. xi, 48 f., il. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília.

DREIFUSS, René Armand. **1964. A conquista do Estado: ação política, poder e golpe de classe**. Vários tradutores. 2a. ed. Petrópolis: Vozes, 1981.

GARCIA, Nelson Jahr. **O que é propaganda ideológica**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

HARRISON, Albert A. **A psicologia como Ciência Social**. São Paulo: Editora Cultrix, 1975.

LEDOUX, Joseph. **O cérebro emocional: os misteriosos alicerces da vida emocional**. Tradução Terezinha Batista dos Santos. 6. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MARINHO, Gabriel F. **O Prólogo**. Documentário produzido diretamente para a TV, 2015 (1h34min).

MARTIN, Marcel. **A Linguagem Cinematográfica**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990 e 2007.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

MYERS, David G. **Psicologia**. Tradução Daniel Argolo Estill, Heitor M. Corrêa; revisão técnica Angela Donato Oliva. 9a. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2015.

PINKER, Steven. **Como a mente funciona**. Tradução Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

YAMAMOTO, Maria Emília. Porque somos como somos? A psicologia evolucionista e a natureza humana. Com Ciência - **Revista Eletrônica de Jornalismo Científico**, 10/04/2009. Disponível em:  
<http://www.comciencia.br/comciencia/index.php?section=8&edicao=45&id=532>  
<http://www.comciencia.br/comciencia/index.php?section=8&edicao=45&id=532>